



**INTERVENÇÃO NA OFICINA DE FORMAÇÃO HUMANA E EMPREGABILIDADE
DA ASSOCIAÇÃO PROJETO PROVIDÊNCIA: Conscientização sobre as
formalidades do mercado de trabalho¹**

Submetido em: 07/09/2019

Aprovado em: 17/10/2019

Leandro Flávio Machado de Lima²

Luísa Ávila Resende³

RESUMO

O presente artigo relata a experiência em campo de estudantes de Psicologia da PUC Minas São Gabriel na Oficina de Formação Humana e Empregabilidade na Associação Projeto Providência por meio do estágio curricular Intervenção Psicossocial na Educação. O objetivo do trabalho foi de conscientizar e sensibilizar a partir da reflexão junto a um grupo de jovens do projeto sobre as perspectivas, desafios e exigências para a inserção no mercado de trabalho. O estágio foi fundamentado na Psicologia Educacional e na Orientação Profissional utilizando-se da oficina para expor informações, fazer discussões e uma simulação em que pudessem ao longo dos encontros construir o conhecimento para ao final se apropriarem daquilo que foi refletido. Com isso obteve-se maior desenvolvimento e informatização dos participantes acerca do tema para então melhor se prepararem para a inserção no mercado de trabalho e seus processos, podendo por isso realizar um planejamento de carreira e de vida com maior discernimento.

¹ Artigo orientado pelo Professor docente da Faculdade de Psicologia da PUC Minas Vilmar Pereira de Oliveira e pela Supervisora do Estágio – Intervenção Psicossocial na Educação – Professora docente da Faculdade de Psicologia da PUC Minas Valéria Silva Freire de Andrade.

² Graduando em Psicologia, 7º período, pela PUC Minas, unidade São Gabriel.
leandromachadolima@gmail.com

³ Graduanda em Psicologia, 7º período, pela PUC Minas, unidade São Gabriel. luisaavilaresende@hotmail.com

Palavras-chave: Orientação Profissional; Psicologia Educacional; Jovens; Mercado de Trabalho.

ABSTRACT

This article reports a field experience of psychology students at PUC Minas São Gabriel in the Human Development and Employability Workshop at Projeto Providência Association through the Psychosocial Intervention in Education curricular internship. The objective of the work was to raise awareness and sensitize from the reflection with a group of young people of the project about the perspectives, challenges and requirements for insertion in the labor market. The internship was based on Educational Psychology and Vocational Guidance, using an export workshop for information, discussions and an analysis in which they could follow the progress of meetings built or with knowledge for the purpose of appropriating the subject that was reflected. As a result, it became the largest development and computerization of participants on the topic and then better prepared for a job market insertion and its processes, allowing him to undertake more discerning career and life planning.

Keywords: Professional orientation; Educational psychology; Young; Job Market.

1. INTRODUÇÃO

Por meio do Estágio de Intervenção Psicossocial em Educação ofertado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG) - Unidade São Gabriel - foram realizadas práticas educativas no âmbito do projeto social e escolar da Associação Projeto Providência Vila Maria. Questões relativas à observação e condução de grupos de adolescentes foram desenvolvidas através da Oficina de Formação Humana e Empregabilidade, elaborada pela Assistente Social da associação, que visa conscientizar sobre as formalidades do mercado de trabalho.

O Estágio compõe um dos campos da universidade, trabalho que é fruto de uma profícua parceria entre aprendizado e atuação. Trabalho esse que é uma experiência de contribuição para a formação do aluno enquanto futuro profissional da Psicologia e também uma forma de articular teoria e prática, por aproximar a universidade da sociedade, devido ao serviço prestado para a comunidade.

O estágio Intervenção Psicossocial na Educação, ofertado no 5º período do curso de psicologia, foca o trabalho em instituições educativas conveniadas com a PUC, o estágio profissionalizante faz parte do currículo obrigatório que busca aliar teoria com a prática para consolidar a formação dos futuros profissionais. As atividades contam com a identificação de questões no contexto escolar que demandem o trabalho do psicólogo a partir de observações, entrevistas e efetivação da intervenção.

A Associação Projeto Providência, unidade do trabalho ora apresentado, está situada na Comunidade Vila Maria e atende aos moradores com serviços voltados para crianças e jovens na área de educação, tendo ensino fundamental, capoeira, dança, judô, futebol, artes e palestras de temas variados.

O objetivo primeiro do estágio foi discutir e possibilitar reflexões sobre o mundo do trabalho e da empregabilidade junto ao grupo de jovens do Projeto Providência. Além disso, foram realizadas intervenções com o objetivo de informar e esclarecer pontos importantes e favoráveis aos jovens sobre a entrada no mundo do trabalho. A base para a intervenção foi a construção do laço social do grupo para que fosse possível criar um ambiente de reflexão e aprendizado entre os próprios jovens, como propõe a Psicologia Educacional.

Os questionamentos que guiaram a construção do projeto e as posteriores intervenções foram: como facilitar a inserção de jovens que nasceram e vivem em espaços que não lhes oferecem condições – econômicas, educacionais, culturais – para que tenham acesso ao mercado de trabalho – sendo trabalho ou estágio? Uma orientação específica sobre o tema é importante, pois além de promover discussões e apontamentos com os adolescentes em seu meio, discutimos o caso de maneira reflexiva, abrindo as ponderações para planejamentos futuros. Justificando dessa forma as contribuições da disciplina de Orientação Profissional como base estruturante para a prática realizada.

A orientação profissional é relevante, pois, como demonstra Lisboa (2002), reflete em “[...] uma preocupação do significado do trabalho para a sociedade, na sua construção, na sua transformação, na formação de valores, no compromisso com a constituição de uma sociedade pautada em determinados princípios”. Observa-se que na adolescência há complexos de mudanças evolutivas no desenvolvimento psíquico e biológico, em especial dentro de um contexto social do indivíduo. Um estágio da vida que envolve escolhas e transformações levadas às consequências desafiadoras, exigindo resultados adequados às várias situações.

Tendo em vista o perfil da comunidade em que se inserem os jovens, no que se refere a possibilidades de acesso a bens culturais, o estágio preocupou-se em construir junto aos jovens a busca de uma visão de futuro, seja na escolha de uma profissão, na construção de um

projeto de vida e/ou orientação comportamental para as atividades profissionais que almejam exercer, potencializando o percurso que já trilharam e oferecendo novas informações bem como possibilidades para sua inserção no mercado de trabalho.

A intervenção buscou realizar uma sensibilização dos participantes sobre a importância de conhecer as opções e exigências do mercado de trabalho, para que obtenham êxito no pessoal e profissional. Uma vez que os adolescentes da comunidade estão em situação de vulnerabilidade social, a intervenção trabalhou também no sentido de esclarecer e discutir os possíveis enfrentamentos impostos pelo mundo na construção de uma autoimagem fortalecida, e assim possibilitar um planejamento que torne possível desenhar uma trajetória de preparo profissional, seja por um caminho acadêmico, nível técnico, ou mesmo pela própria via do trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Observados os avanços tecnológicos e as exigências de mercado, Lisboa (2002) explicita a articulação de ideias em face das práticas no mundo do trabalho, pois quanto mais consciente for o jovem das organizações profissionais melhores seriam para o entendimento de suas possibilidades. Nisto a autora reforça:

[...] considerando-se as mudanças que se vêm processando e suas conseqüências nas relações homem/trabalho. Dentro desse contexto, as possibilidades de escolha profissional se fazem muito importantes, não somente na busca de realização pessoal, mas, fundamentalmente, na abertura da consciência e no entendimento mais profundo sobre um novo cenário que se apresenta. (p. 16).

Uma análise contemporânea constata uma cobrança das pessoas que circundam os jovens sobre “o que querem ser quando crescer?”. A sociedade clama por afazeres até mesmo para se evitar um estado de ociosidade. Em virtude disso, Bock (2002) considera que “[...] a questão da escolha profissional não pode ser considerada um problema natural e universal dos seres humanos. O capitalismo, que recoloca a temática do trabalho para além da mera sobrevivência pessoal.” (p. 188). Não se espera do trabalho uma finalidade única para uma sobrevivência, mas satisfação e meio de socialização entre os sujeitos.

Necessário se faz buscar métodos de reflexão e de maneira dinâmica, em especial quando se trata de jovens. Por meio da crítica e autoanálise o sujeito terá ferramentas para seu desenvolvimento nos meios em que vive, seja no trabalho, casa, escola ou rua; e em consonância Costa e Soares (2001) trazem em sua pesquisa, aspectos de grande relevância

como o fato de que “[...] encontrar um lugar para o trabalho na vida humana pode parecer tarefa simples, se não fossem tão complexas as relações que estabelecemos a partir dele”. (p. 02).

A identidade é algo que construído num contínuo, mas é na fase da adolescência que, com o pertencimento de grupos, se faz mais expressivo este processo, afinal, explicitam Ferreira, Faria e Silvaes (2003) que esta é a fase do desenvolvimento humano que põe em voga valores, contesta posicionamentos e opiniões. Ademais, a própria identidade, bem como a história do sujeito, deve ser pensada em consonância ao seu trabalho que se fundem ao seu pessoal, mediante uma reflexão temporal que possibilita assumir perspectivas antes não vislumbradas, de uma maneira como:

A construção de novos projetos de futuro requer da pessoa reflexões sobre seu passado e seu presente (conforme proposto por Moffatt), bem como de seus desejos e expectativas futuras. Neste sentido, é fundamental um olhar do sujeito para si próprio, a busca de um espaço para o autoconhecimento e a revisão de prioridades, que tendem a facilitar a elaboração de novos projetos de futuro. É preciso estabelecer novas referências em atividades que preencham o vazio deixado pela centralidade ocupada pelo trabalho até então. (COSTA; SOARES, 2001, p. 27).

Percebe-se uma repercussão a partir da escola, que por vezes é impossibilitada de atuar como um dispositivo facilitador da inserção profissional do jovem, uma vez que sua didática não consegue nem propiciar uma discussão articulada com a realidade da prática profissional (SOARES, 1997). Também, a família é afetada, pois contextualizada nessa realidade socioeconômica e cultural, carrega em si valores, práticas e discursos que perpetuam o *status quo*, permitindo pouca ou nenhuma mobilidade social. Se ainda considerado o cenário familiar, a desorientação desse jovem sujeito é ainda maior quando se analisa que o projeto de vida estimado/visado pelos pais é divergente, não somente em âmbito das escolhas profissionais, com um “desejo de continuação de suas vidas”, como à vontade que se diferencia, “fazendo tudo aquilo que eles não puderam realizar”. (GAULEJAC, 1987, apud SOARES, 2002, p. 77).

Ao panorama explicitado somam-se outros fatores, geralmente tomados de maneira exclusiva no momento de se optar por uma escolha profissional. Felipe (1996) cita alguns deles, como as escolhas que se determinam apenas pelas oportunidades que o mercado de trabalho oferta, pelo retorno financeiro que certa profissão possa trazer, pela opção de percursos profissionais já explorados e desenvolvidos por seus familiares e assim, facilitados para o jovem em termos de colocação profissional como também pela maior probabilidade de retorno financeiro. Diante disso, ao se pensar no que coloca Soares (2002), o jovem, em

período de “formação da identidade pessoal”, vê-se num emaranhado de identificações, desejos, conflitos e expectativas, “confuso sem saber o que é e o que deseja ser”, e assim, pressionado para escolher diante de tais condições, esse frequentemente distancia-se mais de sua vocação.

Dessa forma, o que se pode observar de comum dentre os diversos componentes que atravessam o complexo cenário mercadológico aqui levantado é a maneira com que esses atuam reduzindo a consciência do jovem, que para ser mais bem entendido, deve ser considerado também em nível do processo de transição que atravessa, pois não se pretende nem na infância nem na adolescência, mas para além dela, no mundo adulto.

Em meio a esse quadro que a Orientação Profissional se insere, atuando como elemento facilitador do jovem na transcendência de escolhas mais ou menos imediatistas que comumente se pautam pela desinformação, fantasias e desconhecimento tanto da realidade social como da realidade ocupacional. Assim, a orientação profissional pode ser melhor compreendida pela prática em que o sujeito, de acordo com suas experiências e condições, escolhe a profissão pelo qual anseia por seguir (SOARES et al, 2007). Ao serem pensadas em suas escolhas futuras, Melo-Silva, Lassance e Soares (2004) ressaltam que este é um processo co-construído entre àquele que elegerá uma profissão a seguir e pelo profissional que auxilia a tomada de escolhas. Aqui, é notório que o sujeito é ativo em todo o processo, fazendo-se consciente daquilo pelo qual opta em seguir.

Desse modo, com o desenvolvimento da capacidade crítica em conjunto com o orientador é que o jovem pode acessar, segundo Ginzberg e colaboradores, citados por Levenfus (1997), escolhas realistas, estas em diálogo com características pessoais. Conforme Dias e Soares (2009), “os objetivos de vida, os valores, e a predisposição” para trabalhar em determinada área, como também as possibilidades do mercado e a conjuntura socioeconômica em que o trabalho pretendido será exercido, podem atuar como fatores impeditivos, sendo necessário por isso uma análise do cenário.

A essa maneira, Felipe (1996) conclui resumidamente em que reside o processo enfocado pelos orientadores profissionais, qual seja: “criar a oportunidade para o jovem examinar criticamente as suas possibilidades reais de opção profissional”. Assim, diferenciando os objetivos já citados a que a Orientação Profissional se detém do pretendido com a intervenção grupal exposta ao longo deste artigo, destaca-se que essa última caracteriza-se por ser breve e por isso se constitui como uma prática de sensibilização para a importância da escolha profissional e/ou construção de um projeto de vida, ao invés de uma orientação profissional propriamente dita.

Teve-se a intenção de afetar o grupo positivamente com o uso de métodos/técnicas e diálogo compartilhado, instigando-o a pensar de forma refletida sobre suas vidas. Entretanto, um trabalho de sensibilização prevê o alcance de seus objetivos em tempo menor, dando-se em poucos encontros e seguindo as etapas de apresentação, mobilização e fomento do saber grupal e de cada jovem e conclusão dos aprendizados.

Grupos não são estáticos e nem completos, aduz Freire (1993) que há processos formadores nas dinâmicas de cada grupo, que podem ser entendidos de duas formas, a primeira de si mesmo, já que compreendemos que existem diferenças individuais, compondo um grupo mais denso; e o segundo por indivíduos, pois em um grupo existem diferenças entre seus membros, que farão com que existam concepções de vidas distintas, mas que são direcionados a um objetivo comum – no caso em tela, a capacitação profissional. Nessa perspectiva, conforme elucida a autora, duas são as linhas de pensamento no que concerne o modo de funcionamento de um grupo, sendo uma voltada mais para o indivíduo que podemos compreender como, uma dimensão mais psicológica, entendendo que em um grupo, os desejos, sonhos, aflições, medos, entre outros, são individuais; e a outra forma de pensar sendo mais intersubjetiva, por vislumbrar que no grupo há um pensamento coletivo, que os desejos individuais se evaporam para se constituir um pensamento coletivo. Assim, ao não buscar uma resolução para um problema complexo como esse, partimos de ideias mais interacionistas possíveis na relação entre sujeito e o meio. Desde a gênese, até o fim da vida existe a interação entre os seres com pensamento, linguagem, comportamento, e nosso eu consciente.

Dentro destes aspectos, pode-se considerar ainda que, no processo pelo qual o sujeito aprende e apreende o mundo, há de se salientar o que é interno e externo à sua realidade. Nesse sentido, Pereira (2010), discorre que o fator interno constrói as formas de pensar o mundo, perspectivas de vida profissional, mudança de rotina e crença em si mesmo, quanto o meio pode influenciar os jovens. Já no fator externo ficou evidente o conflito que por diversas vezes surgiam inquietudes sobre possíveis mudanças que eles teriam que se submeter.

Diante deste processo cognoscente, há que discutir pontos relacionados à empregabilidade, entendendo que há fatores importantes para a possibilidade de contratação, seja de apresentação pessoal ou qualificação. Contudo, o que antes era realizado pelas próprias empresas, como a administração da carreira e qualificação do funcionário, hoje essa responsabilidade recai sobre o próprio empregado. Isso porque hoje o profissional é responsável por sua empregabilidade como salienta Malvezzi:

Intervenção na Oficina de Formação Humana e Empregabilidade da Associação Projeto Providência:
Conscientização sobre as formalidades do mercado de trabalho

Para tanto ele deverá ter um plano pessoal de desenvolvimento profissional através do qual ele monitora três metas: a) o desenvolvimento de novos recursos pessoais e o desenvolvimento da qualidade daqueles recursos que ele já possui; b) o desenvolvimento de seu vínculo com o trabalho, tornando-o fundamentado no compromisso com os resultados; e c) criação de uma história de realizações, através da qual seu capital profissional se torna visível. (MALVEZZI, 1999, p. 67-68).

Observa-se que o termo empregabilidade remete as chances a que o sujeito tem de se inserir no mercado de trabalho devido às suas características e atratividade para as empresas. Assim, com o foco das oficinas em um público jovem que busca o primeiro emprego, é relevante que se atenha mais às características pessoais e comportamentais, do que qualificação. No entanto, é importante salientar que o próprio conceito de empregabilidade traz consigo uma lógica de individualização de um problema macro de desigualdade social e desemprego. O Estado e as instituições, como revela Alves (2016), buscam através da educação-formação capacitar os jovens para o combate da exclusão social por meio de políticas públicas. Contudo, o problema da desigualdade permanece e traz desdobramentos:

Aos trabalhadores não lhes basta, como há algumas décadas atrás, realizar as tarefas que lhes são exigidas. Eles têm agora de se investir objetiva e subjetivamente no trabalho, de adquirir capacidades de empregabilidade vendáveis no mercado de trabalho, de se tornar empresários de si. (ALVES, 2016, p. 62).

Com isso, mais importante que mostrar aspectos interessantes e desejáveis para mercado, é promover a oportunidade de tomada de consciência sobre a cobrança e responsabilidade que a empregabilidade traz para a população. A noção sobre este conceito para os jovens poderá conduzir em decisões, que sejam mais assertivas em relação ao projeto de vida e carreira que almejam e se propuseram, criando maiores oportunidades que outrora tiveram.

3. METODOLOGIA

Tendo como pressuposto a articulação ensino-teoria pregado pelos trabalhos de estagiários do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), a Associação Projeto Providência, como parceira da instituição, proporcionou por meio de um encontro prévio entre a coordenadora da oficina psicossocial da associação e os estagiários, a formalização das regras com o grupo referentes ao projeto. Este momento se mostrou importante para que fosse possível desenvolver o cronograma de atuação bem como elencar temas a serem abordados a partir do primeiro contato com o grupo.

A intervenção elaborada pelos estagiários foi realizada em quatro encontros de aproximadamente uma hora e trinta minutos na Oficina de Formação Humana e Empregabilidade. Dentro desta oficina o enfoque da intervenção na empregabilidade visou contemplar de maneira objetiva e reflexiva questões acerca do tema. Esta escolha se deu uma vez que, anterior e posteriormente à intervenção dos estagiários, a oficina trabalha a formação humana junto a assistente social, o que, contudo, não se descarta a noção de serem temas inter-relacionados.

Nesses moldes, a oficina em si, como instrumento de intervenção social é uma metodologia de trabalho que permite desenvolver condições para que a equipe possa organizar e coordenar grupos de estudo e reflexão, uma vez que:

Como método de intervenção psicossocial, a Oficina busca suas bases na teoria dos grupos em um contexto sociocultural. Ela não é um grupo de psicoterapia e nem um grupo de ensino [...] a oficina pretende realizar um trabalho de elaboração sobre a inter-relação entre cultura e subjetividade. (AFONSO, 2006, p. 34).

As atividades desenvolvidas visaram promover reflexão acerca do funcionamento e exigências do mercado de trabalho, as possibilidades de atuação e a forma com que o cenário cada vez mais competitivo, se apresenta na contemporaneidade.

O público-alvo foi composto por uma média de dezoito adolescentes, de 13 a 15 anos de idade, moradores da comunidade Vila Maria do Bairro Jardim Vitória, em Belo Horizonte, usuários do serviço social da Associação do Projeto Providência. Trata-se de jovens que procuram caminhos para o trabalho formal, dos quais, a discussão acerca da importância dos estudos, das profissões, e das exigências do mercado quanto à formalidade, se fez necessária.

3.1. A instituição

O Projeto Providência teve início na década de 80, mais precisamente em 1988 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Seu início, no bairro Jardim Vitória, que por possuir um número considerável de pessoas com situação socioeconômica baixa, foi alvo de atenção por parte de Dom Serafim Fernandes de Araújo que com o auxílio do Padre Mário Pozzoli reuniu estatísticas que explicitassem a necessidade de implantação de um projeto que auxiliasse a população deste local. Nestes mesmos aspectos e condições, a expansão do Projeto Providência foi realizada no bairro Taquaril em 1994, e em 2001 foi implantado no Fazendinha – Aglomerado da Serra – vindo a constituir-se como a terceira unidade do projeto.

O Projeto auxilia a comunidade em geral, mas principalmente crianças e jovens de 2 a 18 anos. É estimado que aproximadamente 40.000 pessoas foram beneficiadas pelo Projeto desde sua concepção.

A unidade Vila Maria localizada no bairro Jardim Vitória foi a unidade beneficiada pela oficina ministrada pelos estágios da PUC Minas. No local, são ofertadas várias atividades recreativas como aulas de judô, capoeira, dança, educação para as crianças e suporte cívico aos adolescentes. Toda estrutura possui aproximadamente 300 jovens, entre crianças e adolescentes, que tinham “livre acesso” para transitarem nos espaços internos. A ausência de tutores para acompanhamento dos jovens nas dependências da instituição favorecia um ambiente de conversas nos corredores, pequenas discussões e até mesmo brigas que envolviam agressões físicas, ora apartadas por algum funcionário, ora resolvidas pelas próprias crianças e adolescentes.

A oficina ocorreu em uma sala ampla da instituição, que contava com boas condições para realização dos trabalhos propostos. Embora sendo de boa instalação, a acústica da sala era prejudicada pelo barulho da rua e da própria instituição.

3.2. Descrição dos encontros

Para que houvesse o reconhecimento da instituição e dos envolvidos no projeto, foi realizado um primeiro encontro para apresentação dos estagiários ao corpo institucional responsável pela direção e coordenação do projeto. Foi apresentada a proposta de trabalho para os responsáveis, que de ponto, se mostraram solícitos e colaborativos para com a equipe. Ainda, presenciou-se bem a Oficina de Formação Humana e Empregabilidade, que é de responsabilidade da coordenadora, e também assistente social, do projeto.

As frentes de trabalho desenvolvidas pela coordenadora – e assistente social – no projeto se concentravam em propor atividades para os adolescentes e crianças. Para o público alvo do presente trabalho – os adolescentes –, a coordenadora ficava responsável em informá-los das atividades que ocorreriam no dia bem como em convidá-los para participar das tarefas a ser realizadas, o que denotava uma preocupação em mantê-los interessados ao que se propunha ali.

Foi possível perceber que naquele local havia uma educadora, mas que os educandos não lhe tinham respeito, pois em diversas vezes a educadora tinha que pedir silêncio, e muitas vezes conseguiu à custa de aumento de voz e demasiada paciência. Nessa questão, com referência ao texto de Freire (1993) explicita-se o quanto é importante o papel do educador

em um grupo para construir intervenções para alcançar aquele grupo. A carência existencial do diálogo e a falta de respeito à figura do educador, vai ao encontro da não construção de um grupo, de conhecimento, ou seja, não há um processo que formará esse conjunto de pessoas, em um grupo.

Contudo, mesmo com dificuldades, o projeto prosperava através de uma articuladora que vislumbrava propostas transformadoras, que coadunam com dos objetivos do estágio, o local oferecia materiais para uma melhor perspectiva de mudança e transformação dos adolescentes.

Tendo como subsídio o encontro prévio com os coordenadores do projeto, e o conhecimento da lógica de funcionamento institucional, as propostas de atividades foram pensadas com base na realidade apresentada. Foram levadas em conta todas as informações coletadas como o espaço físico, regras e normas, o público-alvo da oficina e as possibilidades de atuação. Nesta condição, foram realizados cinco encontros com os adolescentes, estruturados com atividades diferentes, mas que pudessem se conectar a fim de que o entendimento da proposta fosse claro.

No primeiro encontro da oficina, foi feita a apresentação dos estagiários para os adolescentes. A principal tarefa do dia se pautou na criação de normas de convivência para o grupo, em que os próprios jovens elegeram as regras que consideravam mais importantes e indispensáveis para o bom funcionamento grupal e das atividades. Foi observada pela equipe de estagiários que o comportamento dos adolescentes participantes da oficina, ressaltava a hostilidade uns com os outros assim como a despreensão em se atentar ao que era dito pela coordenadora.

No segundo encontro com o grupo seria apresentado o cronograma e a proposta foi de discutir com os jovens sobre as profissões, carreiras e seus sonhos. Com intenção de promover um ambiente mais dinâmico buscou-se a disposição da roda de conversa para incentivar a participação e reflexão sobre as profissões. Desta maneira, foram abordados os tipos de profissão, percursos necessários, formas de ingresso em universidades e cursos técnicos, além de relacionar com os caminhos necessários para atingirem os sonhos relatados ou o que seria possível na realidade de cada um.

No terceiro encontro observando uma demanda surgida no encontro anterior, buscou-se, através da exposição em slides, orientar quanto aos processos seletivos e a conduta no ambiente de trabalho, abarcando questões básicas como responsabilidade, postura, vestimenta, higiene e linguagem. Essa abordagem se justifica tanto pela demanda dos participantes quanto

a importância de oferecer informações que contribuam com uma maior perspectiva de empregabilidade destes jovens.

Para o quarto encontro dando continuidade à semana anterior foi levado temas como comportamento nas redes sociais, ética e pontualidade. Buscou-se ainda dar informações de proteção para estes jovens em situações adversas no trabalho, porém comuns no cenário brasileiro como bullying, assédio moral e sexual. Deste modo, foram formado dois grupos para discussão de casos que abarcavam estes temas e que em seguida seriam discutidos em roda por todos.

Para o quinto e último encontro foi proposto a realização de entrevistas simuladas em que usariam todo o conhecimento adquirido até então e ainda se familiarizariam com a circunstância para trazer maior confiança diante da situação real. Assim, o grupo foi dividido entre os estagiários e a assistente social. Após a simulação foi feito o fechamento da atuação dos estagiários para o prosseguimento da oficina pela coordenadora.

As atividades realizadas e propostas de discussões são sintetizadas na tabela a seguir:

TABELA 1. Cronograma da Oficina de Formação Humana e Empregabilidade

TEMAS	ATIVIDADES	DATA
Visita	Conhecendo o Projeto Providência Vila Maria	19/03/18
Formalização do grupo pela Assistente Social	Criação de normas de convivência do grupo	26/03/18
Profissões, carreiras e sonhos.	Roda de conversa	02/04/18
Responsabilidade, postura, vestimentas, higiene, linguagem.	Slide expositivo	09/04/18
Comportamento nas redes sociais, ética, bullying, assédio moral e sexual e pontualidade.	Roda de discussão de situações problemas	16/04/18
Aplicação de todo conteúdo discutido e refletido	Entrevista simulada e encerramento	23/04/18

Fonte: elaborado pelos autores.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira visita ao campo e o encontro facilitado pela Assistente Social foram realizados de forma a introduzir os estagiários na proposta propriamente dita sobre empregabilidade. Sendo assim, apenas a partir do segundo encontro que o grupo de estagiários apresentou suas propostas ao grupo e trabalharam como facilitadores da oficina, mas contando com a participação e contribuição ativa da coordenadora em momentos importantes de discussão. Esse fator foi importante devido ao maior conhecimento e familiaridade da profissional com os jovens, que possibilitou um elo maior entre os adolescentes e estagiários durante as oficinas.

No segundo encontro com a prática planejada pelos estagiários, compareceu um número reduzido de jovens, isto pela saída daqueles que não pertenciam àquele turno. Em função disso, também houve mudança da sala, sendo esta menor e mais silenciosa. Nesse encontro foi apresentado o cronograma de temas a serem abordados como profissões e carreiras, responsabilidade, postura, vestimentas, higiene, linguagem, comportamento nas redes sociais, ética, assédio moral e sexual e pontualidade. Esses temas foram abordados para que no último encontro pudesse ser realizada uma entrevista simulada para que os adolescentes colocassem em prática os conhecimentos e experiências ali trocadas.

Após a apresentação do cronograma, promoveu-se espaço para que falassem sobre as profissões que sonhavam ter e também o que poderiam fazer com o que já sabiam. Os participantes demonstraram ter conhecimento acerca cursos superiores, cursos técnicos e profissões que não necessitam de formação; também apresentaram pouca maturidade para uma alocação no mercado de trabalho, e inclusive com dificuldades na comunicação e escrita formal.

Mediante as discussões no grupo, chegou-se a conclusão de que qualquer que fosse a escolha da profissão há um caminho a ser trilhado e com oportunidades diferentes. Ainda, conforme necessidade levantada pelos participantes, o debate se estendeu para formas de ingresso em cursos superiores e o que teriam de fazer para que conseguissem se sair bem no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Questões pertinentes ao Programa Universidade para Todos (PROUNI) e ao Programa de Financiamento Estudantil (FIES) também surgiram, o que deu espaço para que os estagiários explanassem acerca dos aspectos que circundam o que é uma universidade e ampliar o conhecimento dos jovens sobre suas possibilidades de inserção no curso superior. Estes pressupostos refletem ao que retrata Malvezzi (1999) com a preocupação e anseio daqueles que buscam por emprego, e de se instrumentalizar para tal por

meio da realização de planejamentos pessoais para atingir um patamar de empregabilidade que seja conivente com a lógica capitalista e de mercado.

Ao ouvir os jovens houve uma sensação de falta de orientação sobre os novos caminhos que estavam para descobrir. Eles, como muitos outros, estão inseridos em grupos das mais diversas estruturas, regras, proibições e censuras. Porém havia um choque de perspectivas quando mostravam o funcionamento do grupo que ali se constituía e os grupos “da rua”, ou seja, os que estavam inseridos no bairro, na escola e nas atividades esportivas. Roza-Garcia (1972) demonstra com precisão essa relação ambígua que permeia a dinâmica de um grupo e sua influência em seus membros:

O grupo profissional pode ser mais importante que o religioso ou o político. A importância de cada um depende também da situação momentânea. Um grupo cujo poder é maior em determinadas circunstâncias, noutra pode ser secundário. (p. 158).

Esse fragmento demonstra o quanto é complexa relação com o outro, seres pertencentes a diversos grupos ao longo da existência, e cada grupo terá um papel formador na construção do sujeito. Diversos nichos possuem variados valores, que podem ou não serem opostos. Um grupo religioso, por exemplo, contém dogmas imutáveis que muitas vezes entram em conflitos com grupos de amigos que não possuem o mesmo direcionamento que uma religião determina.

As vestimentas, tema do terceiro encontro, lhes chamava atenção, pois vestir-se adequadamente para os ditames do mundo do emprego poderiam entrar em detrimento com alguns aspectos de suas identidades, ou modos de ser, já que isso mostrou-se através de indagações recorrentes. A comunicação também foi foco de debate, pois a preocupação com o uso de palavras que poderiam não ser apropriadas, como gírias ou palavras de baixo calão, foi tido como um cuidado a ser tomado. Formas de comportamento em novos lugares, como entrevistas de emprego ou ambiente de trabalho, por exemplo, também foram citadas como algo novo que teria que ser assimilado. Em todas essas novas formas de interagir com o mundo há uma busca por um futuro profissional mais próspero e ainda tentando manter suas origens.

Constituindo-se como um dos encontros mais colaborativos, os adolescentes se mostraram preocupados em como se vestir e se portar, mas temendo a perda de identidade. Este receio se mostrava pela fala dos mesmos em temer a não aceitação dos grupos dos quais pertenciam fora do projeto. Isto reforça o que consideram Ferreira, Faria e Silveiras (2003) quando tratam da preocupação dos adolescentes em construir a sua identidade e quanto o

pertencimento aos grupos, que por sua vez, também os constituem como pessoa, é primordial neste processo de formação do self.

Ao demonstrarem interesse pelo modo de portar-se durante uma entrevista ou pelo período de trabalho, começou-se a ser observado um ritmo no grupo, que sugeriu a projeção coletiva para algo, no caso, um conhecimento sobre o mercado de trabalho e tudo aquilo que lhe circunda. Este é o ritmo que Freire (1993) retrata ao relatar que o mesmo “significa organizar este meu pulsar de vida, em um grupo” (p. 163). Este movimento do qual o grupo sinalizava para um interesse em comum, refletiu no entrosado entre os participantes.

No quarto encontro, os adolescentes foram divididos em grupos, para discutirem casos sobre assédio sexual, pontualidade, bullying e postura. Houve muita interação e participação dos adolescentes, tendo em vista, que o objetivo era motivá-los a falar mais e pensar sobre certas atitudes, dentro do trabalho, em casa e na rua. De forma geral ocorreu uma integração maior por partes de todos os envolvidos: coordenação, estagiários e adolescentes. Aqui, nota-se o ganho de uma co-construção de espaços, uma vez que, envolvendo todos em uma atividade, o compartilhamento se torna mais fluido e transparente. O exercício colaborativo entre a instituição e os adolescentes se fez visível.

O quinto e último encontro teve como objetivo principal a organização de uma simulação de entrevistas de emprego tendo nossos membros do projeto ciência do que ocorreria, e sendo propostos para eles que viessem com roupas mais formais – roupas que eles entendiam que seria um diferencial e um ponto positivo na entrevista de emprego. Observamos que a maioria veio com roupas que não fazem parte de seu cotidiano, na maioria dos casos o uso de tênis para os meninos e calçados fechados para as meninas. Com relação às roupas, a maioria compareceu de calça comprida e blusas “não chamativas” como foi debatido no encontro três.

Antes do início das entrevistas, na sala devidamente organizada, foram separadas quatro mesas e duas cadeiras, uma para o entrevistado e outra para o entrevistador. Foi mantida certa distância entre as mesas para que não sentissem vergonha de ter outros jovens assistindo à simulação. As perguntas que seriam referidas já se encontravam na mesa, e os participantes, divididos, foram orientados a descer até a sala, enumerados de 1 a 4, já que a equipe de estagiários era no total de quatro. Antes, reunidos em outra sala, os jovens preencheram um suposto formulário de cadastro para se habituarem ao processo, e foi observada a dificuldade e insegurança dos jovens para colocarem informações básicas como o endereço e documentos pessoais. A dinâmica dessa entrevista foi satisfatória, com uma mesclagem de resultados, sendo que alguns adolescentes se mostraram à vontade com as

perguntas, e outros, se mostraram nervosos, já que para eles era a primeira vez que seriam entrevistados.

Foram feitas por volta de 3 a 4 entrevistas por estagiário que duraram em média de 15 a 20 minutos e logo após, foi feito o retorno aos entrevistados sobre pontos positivos e negativos do processo. Dentro dos aspectos positivos foi observada a receptividade dos jovens tendo em vista que era o último encontro, como a mudança de comportamentos, vestimentas e na linguagem; por outro lado os pontos negativos ocorreram mais vinculados à baixa autoestima em que se autodepreciavam nas entrevistas, o que mostrou dificuldade em expor qualidades pessoais e sempre dando enfoque em suas limitações nas interações familiares. É explícito aqui, o que Gaulejac (1987) citado por Soares (2002) considera por influência familiar nas decisões profissionais. A condição de escolha é, muitas vezes, fadada pelas condições socioeconômicas e familiares.

Para finalizar essa tarefa, foi feita uma entrevista-exemplo. Um dos estagiários respondeu as mesmas perguntas feitas a eles para que após isso, houvesse um debate sobre o que era favorável dizer em uma entrevista de emprego e o que era prejudicial. Sendo que no decorrer dessa última entrevista, outro estagiário ficou em função de comentar as respostas dadas e dialogar com o grupo os pontos positivos e negativos. Por vezes os adolescentes conseguiam entender e explicar sobre o que aconteceu em alguma resposta na entrevista-exemplo, outras vezes era preciso instigá-los um pouco até que pudessem compreender o que aconteceu.

Ao final do processo, pôde-se notar a presença de fatores interno e externo ao grupo, conforme salientado por Pereira (2010). Quanto a fatores internos no processo de aquisição do conhecimento, percebe-se presença de um discurso em que se verificou uma influência negativa, já que desde o começo não estavam acreditando que poderiam ter um emprego dos seus sonhos ou fazer um curso superior. No tocante a fatores externos, nota-se perguntas como: “Não vou poder me vestir mais desse jeito?”, “Como tenho que me vestir agora?”, “Depois do emprego posso vestir minhas roupas?” (sic.), surgiam em diversas falas, e mesmo aqueles que não pronunciavam tais perguntas, mostravam em seus semblantes que algo estava mudando. Essa transformação teria que ser gradual, lhes mostrando o caráter positivo das possíveis mudanças para a inserção ao mercado de trabalho que era o maior objetivo.

No final os jovens deram um feedback sobre o projeto da Oficina de Formação Humana e Empregabilidade, sobre eles e os estagiários. Com algumas falas observa-se que o propósito do projeto foi alcançado, já que houve uma grande mudança no comportamento dos adolescentes com o passar dos encontros, e que em sua maioria gostaram de participar desse

processo e da atuação da psicologia. Foi possível perceber um amadurecimento ao longo das oficinas em que os jovens modificaram seu modo de agir após cada semana de reflexão. Assim, não mais falavam simultaneamente, as roupas que consideravam mais apropriadas para entrevista estavam mais coerentes e se diziam mais confiantes por terem mais informações sobre o funcionamento dos processos de seleção.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina realizada nas dependências do Projeto Providência se desenvolveu em cinco encontros, e com uma participação muito positiva dos adolescentes. O sentido era levá-los a uma reflexão e compreensão da importância de uma escolha de uma profissão e/ou orientação comportamental de acordo com seus anseios, além de ter sido possível a criação de um grupo coeso capaz de respeito aos seus integrantes e de reflexão. Não se partiu da premissa que a proposta poderia ser a ideal e que deveria ser seguida sem questionamento, existem limites e possibilidades de auxílio na capacitação profissional. No decorrer viu-se que algumas características da proposta iniciava um conflito interno e externo entre os jovens.

Ao longo dos encontros as mudanças (forma de vestir, falar, comportar em determinados lugares) foram assimiladas e tratadas não como algo negativo, mas como necessário para aqueles futuros profissionais. Ao fim da intervenção os jovens estavam mais à vontade com situação proposta.

Os esclarecimentos diante de determinadas profissões os despertaram para novas possibilidades. Dentro do proposto a realização e a interação alcançaram seus objetivos, o que foi observado mediante a participação de uma forma geral dos envolvidos. Ademais, acrescidos de informação, infere-se que quando os jovens possuem mais informação, orientação e um espaço para reflexão sobre o mercado de trabalho, estes podem buscar escolhas conscientes sobre a sua empregabilidade no mercado. Por se tratar de um grupo inserido como de vulnerabilidade social, a informação contribui para que de maneira mais ativa possam traçar um projeto de vida e de carreira para uma mudança social.

De forma peculiar, a contribuição se deu no ganho secundário em possibilitar meios pelos quais os próprios jovens construíssem seus planos de carreira, num sentido a buscarem alcançar o que almejam em termos profissionais. A aproximação dos mesmos com o campo da empregabilidade provocou um alerta refletido na mudança de postura e fala.

Entende-se que o trabalho atingiu o seu objetivo em sensibilizar para as questões de mercado, no sentido de mostrar aos jovens aspectos que até então não lhes tinham sido

apresentados sobre empregabilidade. Contudo, a oficina foi além do objetivo de informar, já que se buscou a co-construção da realidade junto aos jovens sobre as formas de trabalho, respeitando a trajetória de cada um dos adolescentes.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, M.L. Oficina em Dinâmica de Grupo um Método de Intervenção Psicossocial In: AFONSO, M.L. **Oficina em Dinâmica de Grupo um Método de Intervenção Psicossocial**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. Cap1, p. 9-61.
- ALVES, Natália. E se a melhoria da empregabilidade dos jovens escondesse novas formas de desigualdade social? *Sísifo*, n. 2, p. 59-68/EN 59-66, 2016.
- ASSOCIAÇÃO PROJETO PROVIDÊNCIA. **O projeto providência**. Disponível em: <<http://projetoprovidencia.org/o-projeto-providencia/>> Acesso em 09 abr. de 2018.
- BOCK, Sílvio Duarte. **Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2002. p.188.
- DIAS, Maria Sara de Lima; SOARES, Dulce Helena Penna. **Planejamento de carreira: Uma orientação para estudantes universitários**. São Paulo: Vetor, 2009.
- FELIPPE, Wanderley C. Orientação vocacional: as práticas profissionais e a representação social. **Cadernos de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 4, n. 5, p. 58-61, dez. 1996.
- FERNANDES, Marcelo Costa et al. Universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. **Educação em Revista**. v.28, n.4, Belo Horizonte, dez/2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000400007> Acesso em 20 jul 2019.
- FERREIRA, T. H. Schoen; FARIAS, M. Aznar; SILVARES, E. F de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**. n. 8 v. 1., 2003. p. 107-115. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17240.pdf>> Acesso em 20 jul 2019.
- FREIRE, Madalena. **Aspectos pedagógicos do construtivismo pós-piagetiano-II**. In: GROSSI, Ester & BORDIN, J. (org.). **Construtivismo pós-piagetiano**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1993.
- LEVENFUS, Rosane Schotgues. O ato de escolher. In: LEVENFUS, Rosane Schotgues et al. **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LEVENFUS, Rosane Schotgues. Técnica dos bombons. In: LEVENFUS, Rosane Schotgues; SOARES, Dulce Helena Penna. **Orientação vocacional ocupacional**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. Cap. 5, p. 309-313.

LISBOA, Marilu Diez. Orientação Profissional e mundo do trabalho. In: LEVENFUS, Rosane Schotgues; SOARES, Dulce Helena Penna. **Orientação vocacional ocupacional**. Porto Alegre: Artmed, 2002. Cap. 2, p. 33 - 49.

LISBOA, Marilu Diez; SOARES, Dulce Helena Penna. **Orientação profissional em ação**: formação e prática de orientadores. São Paulo: Summus, 2000. 312p.

LUCHIARI, Dulce Helena Penna Soares. Técnicas de orientação profissional. In: LUCHIARI, Dulce Helena Penna Soares. **Pensando e Vivendo a Orientação Profissional**. São Paulo: Summus, 1993. Cap. 4, p. 103-136.

MALVEZZI, Sigmar. Empregabilidade e carreira. **Cadernos de psicologia social do trabalho**, v. 2, p. 64-68, 1999.

MELO-SILVA, Lucy Leal; LASSANCE, Maria Célia Pacheco; SOARES, Dulce Helena Penna. A orientação profissional no contexto da educação e trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 5, n. 2, São Paulo dez/2004. p. 31-52. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000200007> Acesso em 15 jul 2019.

PEDROZA, Deivison. O que você quer ser quando crescer? Vídeo motivacional. 2015 . (4m46s). Disponível em: <https://youtu.be/IANzAWt5tCI>

PEREIRA, Débora Silva de Castro. O ato de aprender e o sujeito que aprende. **Construção psicopedagógica**, São Paulo, v.18, n.16, p.112-128, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 20 jul 2019.

ROZA-GARCIA, Luiz Alfredo. **Psicologia Estrutural de Kurt Lewin**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

SOARES, Dulce Helena Penna. **A escolha profissional**: do jovem ao adulto. São Paulo: Summus, 2002. 196 p.

SOARES, Dulce Helena Penna et al. Orientação profissional em contexto coletivo: uma experiência em pré-vestibular popular. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 27 n.4, 2007. p. 746-759. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v27n4/v27n4a14.pdf>> Acesso em 15 jul 2019.

SOARES, Dulce Helena Penna et al. **Aposenta-Ação**: programa de preparação para aposentadoria. São Paulo: Vetor, 2011.